



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

CAMILA CRISTINA DE SOUZA LINO

HEITOR E O DESTINO: A TRÁGICA JORNADA DO HERÓI ÉPICO NA *ILÍADA*

CAJAZEIRAS - PB

2024

CAMILA CRISTINA DE SOUZA LINO

HEITOR E O DESTINO: A TRÁGICA JORNADA DO HERÓI ÉPICO NA *ILÍADA*

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Letras – Língua
Portuguesa, da Unidade Acadêmica de
Letras, do Centro de Formação de
Professores, da Universidade Federal de
Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras
como critério para obtenção do título de
licenciado em Letras.**

Orientador: Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa

CAJAZEIRAS – PB

2024

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

L758h	Lino, Camila Cristina de Souza. Heitor e o destino: a trágica jornada do herói épico na <i>Iliada</i> / Camila Cristina de Souza Lino. – Cajazeiras, 2024. 44f. Bibliografia. Orientador: Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa. Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2024. 1. Análise literária. 2. Personagem Heitor - destino. 3. <i>Iliada</i>. 4. Herói épico. I. Sousa, Elri Bandeira de. II. Título.
UFCG/CFP/BS	CDU – 82.09

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

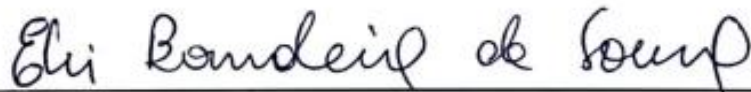
CAMILA CRISTINA DE SOUZA LINO

HEITOR E O DESTINO: A TRÁGICA JORNADA DO HERÓI ÉPICO NA *ILÍADA*

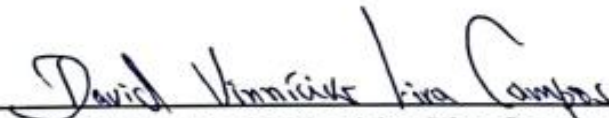
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Letras –
Língua Portuguesa, da Unidade
Acadêmica de Letras, do Centro de
Formação de Professores, da
Universidade Federal de Campina
Grande – *Campus* de Cajazeiras como
critério para obtenção do título de
licenciado em Letras.

Aprovado em: 19/11/2024

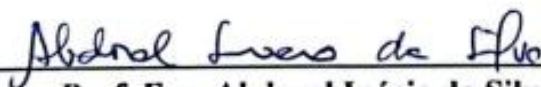
Banca Examinadora:



Prof. Dr. Eli Bandeira de Sousa
(UAL/CFP/UFCG - Orientador)



Prof. Me. David Vinnícius Lira Campos
(UERN – Examinador 1)



Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
(UAL/CFP/UFCG – Examinador 2)

AGRADECIMENTOS

À Lindete Silva de Souza por todo o apoio durante esta longa jornada.

A Francisco Guilherme Florencio de Abreu, pela amizade, ajuda e compreensão.

Ao Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa, pela distinta orientação.

Aos amigos, pelo tempo, experiências, momentos e sonhos compartilhados.

Aos professores e funcionários do Centro de Formação de Professores (CFP), pela contribuição na construção do conhecimento.

Às demais pessoas presentes em minha vida, que me apoiaram e torceram pelas minhas realizações e conquistas.

“Pois na verdade nada há de mais miserável que o homem / de todos os seres que vivem e rastejam em cima da terra”

(Homero)

RESUMO

Produzida aproximadamente no século VIII a. C., e atribuída a Homero, a *Ilíada* é uma das mais antigas obras literárias da tradição épica ocidental e estabeleceu muitos dos elementos fundamentais da narrativa épica, retratando temas universais muito importantes da época, como as crenças religiosas dos povos gregos, a noção de honra, o papel dos deuses na vida humana e os ideais de heroísmo e bravura. Em toda a sua complexidade, o destino trágico de Heitor é um dos aspectos mais marcantes de sua história, por ele estar fadado a enfrentar a derrota e a morte nas mãos de Aquiles, cumprindo o destino predestinado para ele pelas Moiras, deusas do Destino. Assim, o objetivo geral deste trabalho consiste em analisar como foi moldado o destino do personagem Heitor na trama da *Ilíada*. Para isso, buscou-se explorar conceitos que compreendem a ideia de destino para os gregos antigos com base na teoria literária e nos mitos gregos – discutir a figura do herói épico, para, em seguida, analisar na obra a construção dos eventos que resultaram no desfecho trágico do herói troiano. Como base teórica, apoiou-se principalmente no estudo sobre Mitologia Grega, de Junito de Souza Brandão (1986; 1987), e em suas concepções acerca do Destino e da mitologia dos heróis, como também em Milton Marques Júnior (2007), a partir de suas discussões sobre a construção e jornada do herói grego. Também foram consideradas as concepções de Albin Lesky (1996) sobre o conteúdo trágico e sua presença na *Ilíada*, além das concepções de André Malta (2006) sobre os enganos de Heitor e de Caroline Alexander (2009), a respeito de sua pesquisa sobre a construção literária da *Ilíada*. Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, do tipo exploratória, com abordagem qualitativa, pois buscou-se a interpretação dos dados a partir de leituras, discussões e desenvolvimento de ideias. Com base neste estudo, é possível afirmar que Heitor é retratado na obra como principal defensor da cidade de Ílion, e, por isso, seu destino está diretamente ligado a seus habitantes. Dessa forma, pode-se concluir que seu destino se torna trágico, pois está fadado a ser morto e ultrajado pelas mãos de seu pior inimigo, sofrendo enganos e cometendo descomedimentos que o levaram à sua ruína e à de Troia.

Palavras-chave: Destino. Herói. *Ilíada*. Heitor.

ABSTRACT

Produced approximately in the 8th century B.C. and attributed to Homer, the *Iliad* is one of the oldest literary works in the Western epic tradition and established many fundamental elements of epic narrative. It portrays universally significant themes of the time, such as the religious beliefs of the Greek people, the notion of honor, the role of the gods in human life, and the ideals of heroism and bravery. Throughout its complexity, the tragic fate of Hector stands out as one of the most striking aspects of his story, as he is doomed to face defeat and death at the hands of Achilles, fulfilling the predestined fate assigned to him by the Moiras, goddesses of Destiny. Thus, the overall aim of this work is to analyze how the character Hector's fate is shaped within the plot of the *Iliad*. To achieve this, the study explores concepts that encompass the ancient Greeks' understanding of fate based on literary theory and Greek myths—discussing the figure of the epic hero, followed by an analysis of the events in the work that lead to the tragic conclusion of the Trojan hero. The theoretical foundation relies mainly on Junito de Souza Brandão's study on Greek Mythology (1986; 1987), particularly his concepts of Fate and the mythology of heroes, as well as Milton Marques Júnior (2007) regarding his discussions on the construction and journey of the Greek hero. Albin Lesky's (1996) views on tragic content and its presence in the *Iliad*, along with André Malta's (2006) insights on Hector's deceptions and Caroline Alexander's (2009) research on the literary construction of the *Iliad*, were also considered. Methodologically, this is a bibliographical, exploratory research with a qualitative approach, seeking to interpret the data through readings, discussions, and the development of ideas. Based on this study, it can be affirmed that Hector is portrayed in the work as the principal defender of the city of Ilium, and thus, his fate is directly linked to its inhabitants. Therefore, it can be concluded that his fate becomes tragic, as he is destined to be killed and dishonored by his worst enemy, suffering deceptions and committing excesses that lead to his downfall and that of Troy.

Keywords: Destiny. Hero. *Iliad*. Hector.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 O DESTINO: AS DEUSAS QUE TECEM O FIO DA VIDA	11
2.1 ALGUMAS CONCEPÇÕES SOBRE MITO	11
2.2 ENTRE DESTINO E FORTUNA: A INFLUÊNCIA DAS MOIRAS NA TRADIÇÃO MITOLÓGICA GREGA	13
3 O HERÓI ÉPICO: OS GUERREIROS DA GRÉCIA ARCAICA	17
3.1 O MITO DO HERÓI ÉPICO	17
3.2 LEGADOS DE GLÓRIA: O TRÁGICO NA JORNADA DO HERÓI ÉPICO	21
4 HEITOR NA <i>ILÍADA</i>: O DESTINO E A TRAGÉDIA DO HERÓI TROIANO	24
CONCLUSÃO	39
REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

A mitologia grega, como um todo, sempre foi um tema bastante discutido na comunidade acadêmica do Curso de Letras, assim como um objeto de estudo de grande interesse pessoal. Por isso, a escolha do tema dessa pesquisa se deu por meio de uma inquietação que surgiu após a apresentação de um seminário na disciplina Literatura Clássica. Após ler, discutir e analisar a *Ilíada*, de Homero, percebeu-se que Heitor, apesar de não ser considerado o protagonista da epopeia, é um personagem muito significativo na trama, por exemplificar como os heróis estavam profundamente entrelaçados com o Destino: apesar de seus feitos e conquistas, eram moldados e limitados por uma força maior, que evidenciava como a vida de um mortal não estava totalmente em seu controle. Além disso, essa obra comporta uma presença marcante da mitologia conhecida no período, como deuses e semideuses interferindo e participando na trama dos acontecimentos, assim como moldando o destino das personagens.

À frente das batalhas, que posteriormente fomentara a queda do território troiano e a ascensão das cidades gregas, encontra-se, além do consagrado protagonista da *Ilíada* – Aquiles, Heitor, o defensor da cidade de Ílion – também chamada Troia – e comandante dos exércitos troianos. Heitor por sua vez, desempenha um papel fundamental na epopeia, pois por ele se evidencia o lado troiano na guerra, aquele que luta para se defender do ataque dos invasores argivos. Por esse motivo, a morte de Heitor na narrativa pode vir a ser mais comovente do que a própria sorte de Aquiles, por ele não ter uma escolha individual no que diz respeito a inserir-se ou não no conflito, e dele depender a defesa da família, e dos cidadãos como um todo, ao passo que quando ele cai, Troia conseqüentemente cai junto. Comprova-se isso nos próprios cantos da *Ilíada*, em especial no último canto XXIV, que narra o funeral de Heitor, ao passo que a própria epopeia termina com um derradeiro verso dedicado ao príncipe troiano, referindo-se a ele como “Heitor, domador de cavalos” (Homero, 2013, p. 624), exaltando a importância do personagem para a narrativa.

Por isso, esta pesquisa aborda os acontecimentos que marcaram o destino do personagem Heitor, e como sua fatídica morte tornou-o um herói trágico, partindo do pressuposto de que tal infortúnio foi-lhe designado pelas deusas do Destino, as Moiras, e que deste nem mesmo os outros deuses o poderiam salvar. Desse modo,

quais foram as ações de Heitor que o levaram a cometer a *hybris*, ou seja, o excesso, e que o impeliu a agir de modo a cometer erros que lhe dispuseram o desprimoroso fim?

Observa-se que, a partir do canto VIII em sua busca por deter os avanços gregos, Heitor, tomado pelo orgulho insuflado em si pelo apoio de Zeus à causa troiana, parte em direção a uma falsa ilusão de vitória, ignorando os avisos de seus companheiros, e confiando nos desígnios do deus, avança em uma luta que provocará a morte de Pátroclo, o que consequentemente selará seu próprio destino.

Desse modo, o objetivo geral deste trabalho consiste em analisar como foi moldado o destino do personagem Heitor na trama da *Ilíada*. Para isso, buscou-se explorar conceitos que compreendem a ideia de destino para os gregos antigos com base na teoria literária e nos mitos gregos – discutir a figura do herói épico, para, em seguida, analisar na obra a construção dos eventos que resultaram no desfecho trágico do herói troiano.

Outrossim, esta pesquisa justifica-se pela relevância de se compreender como os mitos moldaram a *Ilíada* de Homero. Assim como também por proporcionar uma compreensão mais profunda acerca do percurso que tornou a morte do personagem Heitor na trama da epopeia inevitável e impassível de intervenção por homens e deuses.

Como base teórica, apoiou-se principalmente no estudo sobre Mitologia Grega, de Junito de Souza Brandão (1986; 1987), e em suas concepções acerca do Destino e da mitologia dos heróis, como também em Milton Marques Júnior (2007), a partir de suas discussões sobre a construção e jornada do herói grego. Também foram consideradas as acepções de Albin Lesky (1996) sobre o conteúdo trágico e sua presença na *Ilíada*, além das concepções de André Malta (2006) sobre os enganos de Heitor, e de Caroline Alexander (2009), a respeito de sua pesquisa sobre a construção literária da *Ilíada*.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa é do tipo exploratória, pois investiga um fenômeno pouco explorado, de modo a desenvolver e esclarecer ideias, assim como levantar questionamentos e hipóteses. É de cunho bibliográfico, pois o *corpus* de análise é constituído pela epopeia homérica *Ilíada*, amparado a partir da leitura de obras como livros, dissertações de mestrado e teses de doutorado, artigos e ensaios acadêmicos, disponíveis na internet e em bibliotecas online e físicas. Trata-se de uma abordagem qualitativa por se preocupar em compreender fenômenos complexos a

partir da perspectiva interpretativa, buscando entender experiências, opiniões e significados que as pessoas atribuem a situações, comportamentos ou eventos. Como resultado final, a pesquisa apresenta uma análise dos percalços acometidos ao personagem Heitor, e como estes levaram-no a um destino funesto.

O presente trabalho está organizado em quatro capítulos. Na *Introdução*, apresenta-se o tema, o problema de pesquisa, a hipótese, os objetivos, a justificativa, a fundamentação teórica e a metodologia. No segundo capítulo, intitulado *O Destino: as deusas que tecem o fio da vida*, foram explorados alguns conceitos que compreendem a ideia de mito, destino, e a presença das Moiras na literatura épica grega. No terceiro capítulo, chamado *O herói épico: os guerreiros da Grécia Arcaica*, discutiu-se acerca do mito do herói épico grego, e como essas figuras foram construídas e são apresentadas na poesia épica. No quarto capítulo, que se nomeia *Heitor na Ilíada: o destino e a tragédia do herói troiano*, analisou-se o encadeamento de acontecimentos, personagens e motivações que levaram a concretização do destino do personagem Heitor. E por fim, na conclusão são estabelecidas considerações acerca das motivações para a realização desta pesquisa, e quais resultados foram obtidos por meio dela.

2 O DESTINO: AS DEUSAS QUE TECEM O FIO DA VIDA

2.1 ALGUMAS CONCEPÇÕES SOBRE MITO

Diferente das sociedades modernas, que têm para o mito um conceito de lenda, mentira, ou algo que não é real, para as sociedades Arcaicas, em destaque a grega, o mito é visto com um caráter de narrativa sagrada, que remonta acontecimentos dos tempos primordiais, e que explica desde o surgimento da vida, até o comportamento dos seres mortais e imortais. Brandão (1986, p. 35-36), em uma de suas conceituações acerca do mito, atribui a ele a acepção de ser um

[...] relato de um acontecimento ocorrido no tempo primordial, mediante a intervenção de entes sobrenaturais. [...]. O mito é sempre uma representação coletiva, transmitida através de várias gerações e que relata uma explicação do mundo. [...]. E, na medida em que pretende explicar o mundo e o homem, isto é, a complexidade do real, o mito não pode ser lógico: ao revés, é ilógico e irracional. Abre-se como uma janela a todos os ventos; presta-se a todas as interpretações.

Desse modo, ao buscar compreender os mitos acerca dos deuses e heróis gregos, tem-se que respeitar seu caráter enquanto narrativa sagrada e verdadeira, e compreender sua complexidade e ramificações, considerando suas interpretações mediante a sapiência de que deles tantas outras podem surgir. Pois, o mito circulava livremente dentro dessa sociedade, e era transmitido no decorrer das gerações, *a priori* de forma totalmente oral, antes do surgimento da escrita. Por isso, sofreu várias alterações durante o tempo, surgindo muitas versões de um mesmo mito, fundamentando o seu não compromisso com a razão e a lógica.

Outrossim, além de explicar os fenômenos naturais, os mitos na sociedade grega arcaica também eram utilizados como modelos de valores, para esclarecer e influenciar as condutas dos cidadãos, pois além de uma narrativa dos tempos primordiais, os mitos estavam “vivos” na sociedade, “[...] no sentido de que fornece [forneciam] os modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significação e valor à existência” (Eliade, 1972, p.6); explicando, desse modo, como os mitos tinham tanta influência nessa sociedade, e principalmente em sua literatura.

Os mitos, além de serem um dos pilares da sociedade grega arcaica, também eram uma das bases da literatura, servindo, de acordo com Aristóteles (1993), como

matéria para a composição dos atos, a imitação das ações, ou seja, como o poeta reconstitui a trama do mito (enredo), na obra. Essa adaptação ocorria porque, além do mito ser parte da cultura oral da Grécia Arcaica, e não ter, como já estabelecido por Brandão, compromisso com a lógica, o poeta, apesar de extrair dele seu enredo para a construção da trama, não lhe precisava ter total fidelidade (Aristóteles, 1993). Pois, como expresso em Brandão (1986, p. 26),

entre narrar um mito, que é uma *prâxis* sagrada, em determinadas circunstâncias, para determinadas pessoas, e compor uma obra de arte, mesmo alicerçada no mito, vai uma distância muito grande. A famosa lei das três unidades (ação, tempo e lugar), embora de formulação tardia, como teoria poética, está presente na tragédia clássica. Tal lei não é válida para o mito, que se desloca livremente no tempo e no espaço, multiplicando-se através de um número indefinido de episódios. Para reduzir um mitologema a uma obra de arte, digamos, a uma tragédia, o poeta terá que fazer alterações, por vezes violentas, a fim de que a ação resulte única, se desenvolva num mesmo lugar e "caiba" num só dia.

Sendo assim, mesmo o mito estando presente na literatura, ela não consegue compreender, e nem precisa, em seus enredos, toda a gama de narrativas que o compõem, pois o mito faz parte de uma representação coletiva passada entre gerações, que possui diversas variações e ramificações em suas estruturas. Por isso, não se pode eleger uma única definição para mito, tendo em vista que ele é "[...] uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares", como elucida Eliade (1972, p. 9).

Portanto, ao abordar adiante o mito do Destino (ou Moira), compreende-se que ele desempenhava um papel fundamental na compreensão da vida e do universo na Grécia Arcaica. Os gregos acreditavam que o Destino era uma força primitiva e inevitável, que governava a vida dos seres humanos, semideuses, e até mesmo dos deuses. A crença no Destino implicava que a vida dos mortais estava predestinada e que, apesar dos esforços pessoais, o Destino não podia ser alterado. Esse fatalismo era componente essencial da visão de mundo grega, refletindo uma aceitação da ordem natural e divina no mundo.

2.2 ENTRE DESTINO E FORTUNA: A INFLUÊNCIA DAS MOIRAS NA TRADIÇÃO MITOLÓGICA GREGA

Ao se falar sobre o destino, o imaginário popular moderno tende a associá-lo a eventos individuais que, somados ao longo de um tempo, culminam em acontecimentos que delimitam a vida de um indivíduo para um desfecho bom, que o deixa satisfeito, ou para um desfecho ruim, que o prejudica. Muitas vezes, esses acontecimentos são vistos como incapazes de serem controlados ou como dependentes de escolhas particulares. Porém, ao adentrar o universo mitológico da Grécia Arcaica, no qual os deuses eram tudo e representavam todas as coisas, desde a fundação do próprio planeta, aos elementos da natureza, as artes, e até as intrincadas tramas do destino, vê-se que para os antigos gregos suas vidas dependiam muito do que os deuses tinham reservado para eles, principalmente por parte daquelas a que chamam de Destino, que os conduziam para uma sorte boa ou funesta, a depender de suas escolhas a partir dos caminhos que lhe eram apresentados.

Como parte da construção mitológica grega, o Destino, ao longo de sua aparição na história da literatura e teoria literária, recebera muitos nomes e designações. Dentre essas variações que são partes próprias e características do mito, esse ser ou seres às vezes eram reconhecidos como uma única deusa ou como uma trindade, que possuía uma forma física, ou ainda apenas como uma ideia universal e incorpórea de um destino individual.

Nas obras literárias gregas – das que chegaram até os tempos de hoje –, em uma de suas menções mais antigas, na *Teogonia* de Hesíodo, as deusas do Destino são reconhecidas como três. Para esse autor, essas deusas surgiram da linhagem da Deusa Noite, também nomeada Nyx, que as pariu sozinha influenciada pelo Eros Primordial, e que Hesíodo (1995, p. 94) denomina como as Partes e as Sortes, que viriam a punir sem dó os homens e os deuses. Veja o que afirma Hesíodo sobre elas:

Fiandeira, Distributriz e Inflexível que aos mortais tão logo nascidos dão os haveres de bem e mal, elas perseguem transgressões de homens e Deuses e jamais repousam as Deusas da terrível cólera até que dêem com o olho maligno naquele que erra.

Nessa menção, Hesíodo ressalta que as três deusas distribuem logo no início da vida dos seres mortais os “haveres de bem e mal”, que podem ser interpretados como uma parcela de bondade e maldade presente na vida de cada pessoa; como também, em uma visão de um destino mais inflexível, como os desígnios da vida de um ser que foram pré-estabelecidos pelas deusas no nascimento, e que deles independentemente das escolhas que tomem, os mortais não podem fugir, ou seja, as ramificações de suas vidas os conduzem para um único caminho, que pode ser bom ou ruim. As deusas também aparecem como perseguidoras de transgressões, sejam dos mortais ou dos deuses, onde se percebe que o Destino está acima até dos próprios deuses, e os julga igualmente aos homens mortais, sendo imparcial e inflexível.

O que vai paralelo à ideia de que o Destino, por mais inflexível que fosse, às vezes apresentava duas escolhas aos seus, onde uma delas gerava consequências boas e a outra ruins. Em exemplo, no mito de Édipo¹, ao seu pai Laio, são apresentados dois caminhos que ele poderia tomar em respeito ao seu filho e seu destino trágico. Em um desses caminhos ele poderia matar seu filho e evitar uma desgraça na família. No outro, ao deixar a criança viver, ela o mataria no futuro e casaria com a própria mãe, sua esposa Jocasta. No caso de Édipo, seu destino foi selado por meio da escolha de seu pai, quando ele era ainda um bebê, e tudo o que o próprio fez para tentar impedir tal desígnio só o levou mais para perto de seu desfecho.

Ao passo que, diferente de Édipo, que não estava ciente das escolhas do Destino para si, e cometeu erros involuntários, para Aquiles, na *Iliada*, as escolhas foram bem claras, e o herói estava ciente de ambas e das consequências de cada uma. Pois a Aquiles foram apresentados dois caminhos: o da vingança ao companheiro Pátroclo que culminaria em sua morte durante a guerra, que lhe traria Glória, mas também encerraria sua vida em plena juventude; e, em contrapasso, a oportunidade de se retirar da guerra, ter longos anos de vida em sua terra natal, porém abrindo mão da Glória e do reconhecimento como guerreiro.

Em ambas situações, os heróis acabaram seguindo um caminho funesto, mas de uma maneira, ou de outra, para ambos foram designadas pelas deusas escolhas divergentes que selaram ou selariam seus destinos, pois para as deusas que tecem o

¹ Pode-se encontrar parte do mito na tragédia “*Édipo Rei*”, presente em “*A Trilogia Tebana*”, de Sófocles (1990).

fio da vida de todos os seres vivos em seu tear, e designam o destino de todos, depois de um destino selado, ninguém contra ele poderia se opor, pois “[...] ela era a lei soberana e insondável que governava o Universo, que fazia os planetas girarem, as estrelas nascerem e morrerem” (Horta; Botelho; Nogueira, 2012, p. 122). Deste modo, nem mesmo o poderoso Zeus, filho de Cronos e Reia, rei supremo dos deuses e do Olimpo, poderia interferir na sorte ou azar ditado por elas para os mortais e imortais, se assim tiver chegado sua hora de penarem ou morrerem.

O termo Moira, do grego (*Μοῖρα*), é utilizado para se referir a esse Destino personificado, ou seja, elas são as divindades que controlam o Destino, e sua própria concepção enquanto deusas foi alterada durante o tempo, pois já foram, como Brandão (1986, p. 230) afirma, “[...] a personificação do destino individual, da ‘parcela’ que toca a cada um neste mundo”, no qual “originariamente, cada ser humano tinha a sua moira, a saber, ‘sua parte, seu quinhão’, de vida, de felicidade, de desgraça”. Esse conceito de Moira, apresentado por Brandão (1986), diz respeito a um destino individual para cada pessoa, este que era responsável por decidir as felicidades e infelicidades de cada um. E seria desenvolvida pouco a pouco a ideia de uma deusa ou deusas universais que controlam todo o Destino, de forma “impessoal e inflexível”, no qual “a Moira é a projeção de uma lei que nem mesmo os deuses podem transgredir, sem colocar em perigo a ordem universal” (Brandão, 1986, p. 230). Em uma definição muito semelhante, Kury (2009) também retrata as Moiras como manifestação de uma lei inexorável, que sujeitavam até os próprios deuses aos seus desígnios.

As Moiras, tanto em Hesíodo (1995) quanto em Brandão (1986), são projetadas em três personas, três deusas: a Fiandeira, a Distributriz, e a Inflexível na *Teogonia*, ou Cloto, Láquesis e Átropos em Brandão, que possuem funções diferentes umas das outras. A primeira seria responsável por tecer o fio inicial da vida de um mortal, iniciando seu destino; a segunda, de enrolá-lo em um novelo, determinando assim o seu tamanho, e distribuindo as possibilidades e a sorte destes ao longo de sua existência; e a terceira seria responsável por lhes cortar o fio da vida quando chegada a hora da morte. As três simbolizavam o controle absoluto que o Destino tinha sobre a vida e a morte. São as três deusas reconhecidas por sua implacabilidade e imparcialidade que impedem um deus de prestar auxílio a um herói preferido no campo de batalha, pois uma vez determinado o curso da vida de um indivíduo, dificilmente dele se podia fugir. Como exemplo, temos o próprio

Apoio [Apolo], que abandonou Heitor, seu herói favorito, quando o prato da balança do baluarte de Tróia se inclinou para o Hades. Num simples e doloroso hemistíquio, Homero nos mostra como os deuses, no caso Apoio, que tantas vezes salvou Heitor da morte certa, obedecem, sem hesitar, à vontade da Moira (Brandão, 1986, p.231).

Na epopeia homérica, a tratar-se aqui especificamente da *Ilíada*, as Moiras não aparecem como um personagem, que possui um corpo, ou interage diretamente com os outros deuses e mortais, mas como a personificação da inflexibilidade do Destino, retratado tanto pelo termo Moira, que está “[...] relacionado ao verbo meimorai, [que significa] obter ou ter em partilha, obter por sorte, repartir, daí que Moira seja a parte, o lote que cabe a cada um, por sorte, o *Destino*” (Leão, 2016, p. 18), como também pelo termo Aisa, ainda em Leão (2016, p. 18), que se refere à figura feminina e “[...] remete à ideia de fiar – própria das mulheres entre os gregos – e à imagem de um *Destino* que é fiado para cada um por uma divindade feminina primordial”. Desse modo, observa-se que em Homero o conceito de destino está tanto ligado à ideia da parcela individual de sorte para cada indivíduo, quando à ideia de divindades que pairam acima dos outros deuses e que fiam o sofrimento ou a vitória dos mortais no momento do seu nascimento. Esta ambiguidade torna-se ainda mais complexa quando se refere à relação entre Zeus e a Moira na *Ilíada*, pois em alguns momentos, como por exemplo diante da morte de um herói querido, o deus considera intervir para o salvar, passando a impressão de que poderia modificar o Destino se quisesse, porém, a inevitabilidade da Moira é em seguida sempre atestada por outro deus, e seus designios são respeitados, ficando assim o deus submetido ao seu poder como todos os outros deuses.

Na Grécia Arcaica, como visto, os heróis épicos eram figuras centrais na mitologia e na literatura, frequentemente associados a feitos grandiosos e jornadas desafiadoras. Esses heróis, como Aquiles e Ulisses, não eram apenas produtos de habilidades excepcionais, mas também estavam profundamente entrelaçados com o conceito de Destino, ou Moira. Embora os heróis pudessem demonstrar coragem e astúcia, suas vidas e conquistas eram frequentemente moldadas e limitadas pelas forças do Destino, que ditavam o fim inevitável de suas jornadas. Assim, a relação entre heróis e Destino refletia uma visão do mundo em que, apesar do valor pessoal e das realizações individuais, o destino final estava predestinado e fora do controle humano.

3 O HERÓI ÉPICO: OS GUERREIROS DA GRÉCIA ARCAICA

3.1 O MITO DO HERÓI ÉPICO

Para além da criação do mundo e dos deuses, no tempo primordial, os mitos gregos também compreendem o surgimento dos heróis, uma raça guerreira que lutava em guerras, derrotava monstros, vencida desafios, e utilizava-se de sua força e astúcia para enfrentar os mais complexos desafios. Esses seres pertencem à mitologia tanto quanto os deuses, e dela se tornaram parte essencial, de forma que, mesmo passado milhares de anos, desde suas criações até hoje, sobrevivem na tradição e cultura ocidental, assim como em muitas outras.

Ao debater sobre a criação da figura do herói, Marques Júnior (2007) apresenta a ideia de que, para Hesíodo, Zeus teria sido o primeiro de todos os heróis, o herói divino, e que a partir dele tenham surgido as próximas gerações de heróis. Marques Júnior (2007, p. 10), em sua análise da *Teogonia* de Hesíodo, afirma que “a transformação de Zeus em herói se dá no momento em que há uma necessidade de se conter a desmedida (ὕβρις) do pai Cronos”, este que devora os filhos recém-nascidos, por medo de que se cumpra a profecia dada pelo Oráculo de que um de seus filhos o destronaria, como ele destronara o pai Urano. Depois de ter visto vários de seus filhos sendo engolidos pelo pai, Reia trama com Gaia para enganar Cronos, e salvar o filho mais novo, e desse modo, sendo salvo e escondido por sua mãe Reia, e nutrido por Gaia, Zeus adulto volta para cumprir o destino de punir Cronos.

Temos aí, portanto, o primeiro herói, fazendo a viagem da iniciação e sendo nutrido e cuidado para completar a missão para a qual foi assinalado pelo destino: combater a desmedida (ὕβρις), ao adquirir a força (βίη, v. 490) e ardor (μένος, v. 492) necessários (Marques Júnior, 2007, p. 10-11).

Dessa maneira Marques Júnior retrata a figura de Zeus como o herói do princípio, que por sentença do Destino recebe a missão de fazer cessar a tirania do pai Cronos e estabelecer a ordem do universo. É esse mesmo herói divino, observa o autor, que posteriormente veio a criar a raça dos heróis semideuses, filhos dos deuses e deusas com os humanos, possuindo descendência divina, mas ancorados à mortalidade.

Outrossim, após narrar a criação do herói divino, Hesíodo (1996), na obra *Os Trabalhos e os Dias*, narra a criação dos heróis semidivinos através do mito grego das cinco raças, criadas pelos deuses. Nesse mito, a humanidade foi criada em cinco etapas. A primeira corresponde à Raça de Ouro, no tempo em que a vida era perfeita e pacífica, a harmonia reinava entre os homens, a dor e as doenças eram inexistentes. A morte, quando vinha, transformava-os em gênios epictônicos, que tinham por tarefa cuidar dos mortais. A segunda era a Raça de Prata, vista como inferior à primeira. Por cem anos, eles cresciam junto, felizes, ao seio familiar, porém ao adentrarem a adolescência padeciam de dores terríveis devido ao Excesso (*hybris*). E por serem despeitosos com os deuses, Zeus os destruiu. Depois disso, foi criada a terceira raça, a de Bronze, que por possuir grande força e um coração de aço, eram adeptos da extrema violência e da guerra, nas quais acabaram por eles mesmos se destruindo. Após a destruição da terceira, surgiu a que Hesíodo (1996) qualificou como a mais justa e corajosa raça, a dos Heróis. Chamados de semideuses, estes pereceram em guerras como a de Troia e a de Tebas. Porém, por terem realizado grandes feitos em vida, a eles foi permitido viver após a morte na Ilha dos Bem-Aventurados, como bem observado pela tradutora da obra acima citada, Mary de Camargo Neves Lafer² (Hesíodo, 1996).

A essa raça é ofertado grande prêmio na morte, pois ao realizarem grandes feitos, coisas extraordinárias, como por exemplo enfrentar diversos obstáculos em uma viagem de retorno, como Ulisses, ou trazer a vitória na guerra de Troia, como Aquiles, ficam imortalizados na memória do povo, sendo cantada sua glória pelos poetas por muitos anos após suas mortes. Por último, após a era dos heróis foi criada a Raça de Ferro, marcada pelo trabalho constante, por uma vida de miséria, angústia, e pelo rápido envelhecimento. Os homens dessa raça são descritos como egoístas e corrompidos. Eles vivem em meio a conflitos e sofrimento, e seu tempo é marcado pela desconfiança, inveja e falta de justiça.

A quarta raça – a dos heróis semideuses –, apesar de sua descendência divina, não podia ser comparada aos deuses, pois estes, conforme Marques Júnior (2007), eram imortais e habitantes do Olimpo, enquanto os semideuses, apesar de seu parentesco com os deuses, eram mortais e destinados a morrer e habitar o Hades, no

² LAFER, Mary de Camargo Neves (Trad.). Os mitos: comentários. In: HESÍODO. **Os Trabalhos e os Dias**. Trad. Mary de Camargo Neves Lafer. 3. ed. São Paulo: Editora Iluminuras, 1996.

qual a alguns poucos, apenas aos mais notáveis, seria permitida a morada na Ilha dos Bem-Aventurados. Porém, para obter tal privilégio era

[...] preciso morrer ou deixar o convívio dos mortais, sendo arrebatado pelos deuses. Poucos serão os heróis que viverão eternamente na Ilha dos Bem-Aventurados. Apenas aqueles cujos feitos em vida lhes garantiram a imortalidade pela memória dos poetas. É, pois, a glória o que garante a imortalidade do herói. Mas, paradoxalmente, a glória só se consegue com a morte no campo de batalha (Marques Júnior, 2007, p. 11).

Vê-se que para os heróis a imortalidade não era algo garantido pelo nascimento, mas algo a ser conquistado, através da memória dos poetas, que cantariam seus nomes e seus feitos ao longo das eras, nunca permitindo que fossem esquecidos. Por outro lado, este feito só seria possível se o herói obtivesse a tão almejada glória imperecível, razão por que a procuravam tão incansavelmente durante a vida. Porém só a encontravam na morte, provando desse modo o vínculo estreito que os heróis possuíam com esta.

O mito das cinco raças de Hesíodo, tratando especificamente dos heróis, abre o caminho para esta discussão acerca dos aspectos que tornam um homem ou mulher, semidivino ou não, em um herói, a começar pela própria palavra que designa esses seres mitológicos.

Adiante, ao abordar a origem do termo herói, sua etimologia, verifica-se que não se tem uma conclusão definitiva do significado dessa palavra, nem em que país ela teria surgido, porém, de acordo com Brandão (1987, p. 15), podemos tomar herói como proveniente da palavra grega *héros*, na qual

etimologicamente, ἥρως (*héros*) talvez se pudesse aproximar do indo-europeu *servā*, da raiz *ser-*, de que provém o avéstico *haurvaiti*, "ele guarda" e o latim *servāre*, "conservar, defender, guardar, velar sobre, ser útil", donde *herói* seria o "guardião, o defensor, o que nasceu para servir".

Desse modo, o herói então seria definido quanto a suas funções, atribuições dadas e executadas por eles durante sua vida e até mesmo depois da morte, quando estes descendem ao Hades ou ascendem ao Olimpo. Os heróis, por sua vez, possuindo a função de servir, serviam aos deuses e aos humanos, em uma condição de intermédio entre o plano divino e o humano, por meio de sua existência semidivina.

Os heróis não exclusivamente possuíam origem divina, existiam aqueles que eram puramente humanos, e aqueles que vinham de uma linhagem que em algum momento teve um deus como predecessor. Apesar disso, estes últimos tinham raízes nobres, não eram homens comuns, eram normalmente reis/rainhas ou príncipes/princesas, todos marcados pelos desígnios do Destino.

Para sintetizar as atividades e características fundamentais dos heróis, Brandão (1987) estabelece um itinerário da criação do herói, no qual aborda que eles desenvolvem características específicas que os fazem sobressair aos outros mortais, por passarem por condições tão particulares de sua natureza, tal qual ao descenderem de um “nascimento complicado”, sendo filhos de deuses e deusas com mortais, ou possuindo um “nascimento irregular”, por serem frutos de incesto, como também por serem expostos ao um Oráculo, que lhes prevê algo funesto. Há ainda aqueles que foram expostos em montes ou jogados às águas em cestas. Por essas particularidades eles adquirem um caráter superior aos outros mortais – alguns possuindo até mesmo poderes sobre-humanos –, que lhes dá vantagem sobre os desafios que enfrentam ao longo de suas jornadas, realizando feitos extraordinários. Assim,

[...] de qualquer forma, exatamente por ser um herói, a criança já vem ao mundo com duas "virtudes" inerentes à sua condição e natureza: a τιμή (timé), a "honorabilidade pessoal" e a ἀρετή (areté), a "excelência", a superioridade em relação aos outros mortais, [...] o que o predispõe a gestas gloriosas, desde a mais tenra infância ou tão logo atinja a puberdade (Brandão, 1987, p. 23).

Essas virtudes qualificam o herói como superior às outras pessoas mortais, por lhe conferirem o estado de um ser elevado, capaz de se destacar e vencer desafios desde a mais tenra idade, na qual os demais pereceriam. Conquanto essas características virtuosas não queriam afirmar que os heróis só praticavam atos bondosos, muito pelo contrário, a vida de um herói estava marcada por disputas sangrentas e assassinatos, como afirma Kerényi (2015) ao dizer que os heróis gregos nem sempre se distinguiram pelos atos de heroísmo, mas sim por diversos atos grandiosos, sendo muitos deles atos de extrema violência, pois os heróis eram violentos, e demonstravam essa violência em diversos âmbitos, sobretudo no ato de matar, pois “[...] talvez sua tarefa mais brutal seja ‘matar’, [...] são poucos os heróis que não tenham cometido, ao menos, um homicídio” (Brandão, 1987, p. 60). Um

exemplo disso é o episódio em que Ulisses, na *Odisseia*, mata cem dos pretendentes à mão de sua esposa Penélope, após seu retorno ao reino de Ítaca.

Adiante, após seu nascimento difícil, a vida do herói não se torna nem um pouco mais fácil, pois, ainda consonante Brandão (1987, p. 63), após sua educação fora do lar paterno, e posteriormente seu retorno, o herói constrói sua vida acumulando feitos cada vez maiores, em um “desfile de viagens, de arrojo, de lutas, de sofrimentos, de desajustes, de incontinência e de descomedimentos”, buscando pela glória que vai segui-lo pela eternidade. Porém no caminho até a glória comete erros, involuntários ou não, em alguns casos buscando defender sua honra, em outros por vingança, e é tomado pela *hybris*, a desmedida, que acaba resultando no ato final do herói, sua morte, comumente trágica, de forma que “[...] a morte do herói ou é traumática e violenta ou o surpreende em absoluta solidão” (Brandão, 2007, p. 63), sendo na morte que o herói se aproxima da imortalidade, pois “o único meio de vencer a morte é morrer a bela morte (Καλός Θάνατος) no campo de batalha, com as honras fúnebres sendo a passagem para a glorificação do herói” (Marques Júnior, 2007, p. 17); para que dessa maneira ele obtenha uma pós-existência ilimitada.

3.2 LEGADOS DE GLÓRIA: O TRÁGICO NA JORNADA DO HERÓI ÉPICO

Os heróis da mitologia adentram a poesia épica grega como personagens em seus enredos, de modo que nela são narrados seus feitos, seus erros, suas dores, e seus destinos fatídicos. O gênero épico, um dos grandes pilares da poesia heroica, remonta à cadeia de acontecimentos que acometem a vida de suas personagens e que os impulsionam a um determinado destino, personagens estas retiradas da mitologia. Desse modo, ao abordar-se aqui o gênero epopeia, se faz no sentido em que Aristóteles (1993) a definia como imitação de ações de homens superiores, ou seja, que praticam ações elevadas, indivíduos de alta índole, composta em versos de sempre igual medida, e possuindo natureza extensa, por não ter um limite de tempo ao qual se ater – um dos pontos que a fazem diferir da tragédia. E, além disso, Soares (2001, p. 75 *apud* Lopes, 2013, p. 119) complementa tal definição, ao afirmar que a epopeia é “[...] uma longa narrativa literária de caráter heroico, grandioso e de interesse nacional e social”, por costumar refletir os valores, crenças e a identidade cultural de uma sociedade, e por apresentar modelos de valores a serem seguidos ou evitados.

Ademais, como as maiores e mais antigas representações da poesia épica grega, a *Ilíada* e a *Odisseia* de Homero, constituíram base para a construção de diversos conceitos, alguns destes seriam aprofundados posteriormente, em outros gêneros, como é o caso do conteúdo trágico, visto que Lesky (1996) levanta a questão relativa aos germes do trágico estarem suscitados nas duas epopeias homéricas. Para o autor, apesar de que grande parte dos cantos épicos transmitidos pela tradição oral apresentarem elementos trágicos, em Homero o trágico apresenta-se mais evidente, pois:

O motivo do indivíduo heróico condenado à vanidade de tudo o que é humano, é, na poesia homérica, completado e intensificado pela contraposição em que nela o homem é colocado face aos deuses. Os bem-aventurados imortais podem, quando lhes apraz, curvar-se graciosamente para o pobre mortal, ajudando-o em algumas de suas necessidades. Mas a cada instante podem voltar-lhes as costas e pôr à mostra o abismo insondável que separa sua bem-aventurança dos tormentos daqueles a que a morte governa (Lesky, 1996, p. 24).

Nesse recorte, Lesky elucida que o herói homérico, além de passar pela tensão exposta em todos os cantos épicos, ou seja, aquela na qual os heróis se erguem e acumulam feitos sempre à sombra da morte iminente, em Homero essa tragicidade é agravada pela presença dos deuses, e pela sua intervenção na vida dos heróis, aos quais, diante de um obstáculo, podem oferecer apoio, mas em contrapartida, a qualquer instante podem lhes virar as costas. Desse modo, os heróis vivem em uma constante corda bamba com os deuses, pois devem sempre tentar se manter em suas graças, para que os imortais não os abandonem, e assim os ponha mais ainda à frente da morte ou de tormentos ainda piores, prestando-lhes falsa ajuda, ou retirando-a completamente. Porém, este não é o aspecto mais importante do que o autor se refere como “germes do verdadeiro trágico em Homero [, mas sim] o encadeamento dos acontecimentos, das personagens e das suas motivações” (Lesky, 1996, p. 25), o que faz a *Ilíada*, em particular, se elevar acima do restante do típico estilo épico de formação de cadeia, e como exaltado pelo autor, fazer com que os primeiros passos sejam dados rumo à tragédia. E além, o autor ainda complementa ao dizer que:

Já a condensação temporal dos sucessos no espaço de alguns dias faz que as duas epopeias de Homero se afastem do ordenamento regular. E de que forma o atuar do indivíduo é posto em relação necessária com o destino dos outros – dos amigos, dos companheiros

de guerra, de povos inteiros –, enquanto que o destino do indivíduo é mostrado sobre o aspecto daquela dramaticidade dinâmica que necessariamente conduz ao acontecimento trágico! (Lesky, 1996, p. 25).

Desse modo, Lesky aponta que Homero conduz o encadeamento de acontecimentos em suas narrativas de modo a relacionar o destino de suas personagens umas às outras, ou seja, muitas vezes as ações de uma personagem a encaminham diretamente ao destino que a prejudica, para a glória de uma outra personagem, como por exemplo a relação de entrelaçamento entre os destinos de Aquiles, Pátroclo e Heitor na *Ilíada*. Do mesmo modo, pode-se destacar a relação entre um indivíduo e seu povo: o herói possui um laço indissolúvel com sua comunidade, estando ele muitas vezes responsável por uma cidade inteira, de forma que se ele morrer o seu povo morre junto, a exemplo de Heitor e Troia. Sobre essa relação, é importante destacar que o herói épico não é, por si mesmo, um indivíduo. Seu destino, ações e sofrimentos individuais representam as peculiaridades de sua sociedade. Ele é representante da unidade de uma formação social, como destaca Lukács (2009, p. 206), ao dizer que a epopeia homérica “é a luta de uma sociedade relativamente unida, de uma sociedade enquanto coletividade, contra um inimigo externo”. Desse modo, nessa luta as ações que são praticadas pelos indivíduos, nesse caso os heróis, representam toda a sociedade de que fazem parte. Por isso, a ligação entre Heitor e Troia, em termos épicos, é bem mais profunda do que uma mera relação de pertencimento individual.

Dessa maneira, verifica-se que o destino do herói está quase sempre marcado pelo trágico, pois em sua jornada em busca da glória, o herói está fadado a grandes dilemas, que o motivam a agir de modo a cometer a *hybris*, expressão esta que, em grego, significa “[...] excesso, descomedimento, orgulho ou arrogância funesta”, e que Pavis (2008, p. 197) conceitua como o que leva “[...] o herói a agir e provocar os deuses, apesar de seus avisos, o que vai dar na vingança e na sua perda”. É a *hybris* que vai levar o herói a cometer o erro, seja em busca de vingança, de glória, ou de honra, mesmo que outros tentem dissuadi-lo, e isso vai acarretar seu sofrimento ou sua morte. Portanto, o trágico está na vida do herói épico, no sentido de que apesar das suas tentativas de escapar de seus destinos, este sempre o encontra e o acomete em dor, solidão, arrependimento e morte.

4 HEITOR NA *ILÍADA*: O DESTINO E A TRAGÉDIA DO HERÓI TROIANO

A *Iliada*, epopeia atribuída a Homero, é um dos maiores marcos da literatura ocidental, sendo uma obra clássica, mas do período arcaico, que narra uma parte dos acontecimentos da Guerra de Troia, envolvendo deuses, heróis gregos e troianos em um confronto que durou cerca de dez anos. Como parte da cultura oral da Grécia Arcaica, foi construída aproximadamente no século VIII a.C., passando para a modalidade escrita da língua no século VI a.C., de acordo com Brandão (1986). Possui 15.693 versos em hexâmetro datílico, um estilo métrico bem presente nas obras poéticas do período histórico ao qual pertence, e está distribuída em 24 cantos. Possui esse nome por remontar ao cerco dos gregos, citados na obra como “aqueus”, “argivos” e “dânaos”, a uma cidade na região de Troia, chamada de Ílion, nome que lhe foi dado em homenagem a seu fundador Ilo.

A epopeia narra os últimos dias da Guerra de Troia, iniciando na desavença de dois dos maiores guerreiros gregos, Aquiles e Agamêmnon, até ter seu desfecho com o funeral de Heitor, maior herói entre os troianos. Então, neste capítulo, realiza-se uma análise da cadeia de acontecimentos, personagens e motivações, que levaram à concretização do destino do personagem Heitor – morrer pelas mãos do maior herói grego: Aquiles. É preciso considerar o seguinte:

o conceito de Destino é marcado por vários termos em grego, sendo os vocábulos *moira* (μοῖρα) e *aisa* (αἴσα) apenas os termos mais literais. [...]. Esse conceito aparece em Homero personificado: a *Moir*a, a *Aisa*; mas não antropomorfizado, como ocorre com os deuses olímpicos (Leão, 2016, p. 18).

Desse modo, a *Moir*a não aparece como um personagem na *Iliada* que interage na trama e com os heróis como os demais deuses, pois não é antropomorfizada, ao passo que seus desígnios são conhecidos e executados pelos outros deuses, sobretudo por Zeus. Então, por ter o destino pré-estabelecido pela *Moir*a, Heitor é guiado pelos deuses na direção de sua concretização, sendo insuflado por estes a tomar atitudes e desempenhar ações que o levaram a cometer a *hybris*, reconhecendo só no final seus erros com a chegada de sua hora. Porém, para uma melhor compreensão, situam-se primeiramente os acontecimentos que deram início ao conflito, e que não estão presentes na narrativa.

Com base em Bulfinch (2002), a saber, tudo começa no casamento de Tétis e Peleu – pais de Aquiles, com todos os deuses presentes, do qual apenas uma foi deixada de fora, a Discórdia. Esta, enfurecida, decide fomentar uma disputa entre os deuses, ao jogar sobre a mesa do banquete uma maçã dourada – o pomo da discórdia, destinada à mais bela das deusas. Desse modo, se dá início a uma discussão entre as deusas Palas Atenas, Hera e Afrodite, cada uma alegando ser a mais bela. A questão então é levada a Zeus, e este sem querer escolher um lado, designa a tarefa a um mortal, chamado Páris, príncipe troiano, que é posteriormente abordado por cada uma das três deusas, que lhe oferecem diversos recursos, dentre os quais sabedoria, por parte de Atenas, poder e riqueza, por parte de Hera, e a mulher mais bela entre as mortais, por parte de Afrodite. Então, tentado pela oferta de Afrodite, Páris se decide favorável a essa deusa, tornando as outras duas suas inimigas, consequentemente inimigas de Troia.

Em seguida, protegido e guiado por Afrodite, Páris viaja a Esparta, cidade grega, e é recebido pelo rei Menelau e por sua esposa Helena. É neste momento que Páris a reconhece como a mortal que lhe foi oferecida pela deusa. Ademais, com a ajuda da deusa, Páris convence Helena a fugir com ele para Troia, e aqui se dá o início do conflito, pois, ultrajado pela desonra feita a ele pelo troiano, Menelau apelou a seu irmão Agamêmnon, rei de Micenas, e juntos eles cobraram a promessa dos antigos pretendentes de Helena, que juraram a proteger se algo lhe acontecesse, e com os exércitos gregos unidos partiram rumo a Troia.

A guerra prosseguiu sem vitória para nenhum dos lados por quase dez anos, porém em determinado momento neste último ano, aconteceu o desentendimento entre os guerreiros gregos Aquiles e Agamêmnon, e é neste momento que a narrativa da *Ilíada* se inicia. Pois, após Agamêmnon desrespeitar o sacerdote de Apolo, Crises, depois que este implora para que o rei devolva sua filha Criseida, que foi tomada como espólio de guerra, e o rei nega, o deus manda uma praga para o acampamento dos gregos. Em busca de solucionar o problema, os gregos se reúnem em assembleia para discutir uma solução. Aquiles, ao notar o porquê de Apolo estar em fúria, sugere que Agamêmnon devolva a cativa, porém este afirma que só a devolverá se tomar por compensação o prêmio de Aquiles, a jovem Briseida, e desse modo, insultado, Aquiles se retira, assim como sua parte do exército, da guerra, deixando os gregos sem seu principal guerreiro.

Adiante, Aquiles, se sentindo desonrado recorre a sua mãe Tétis por ajuda, para que esta rogasse junto a Zeus que fizesse os gregos enxergarem a desfeita para com o filho. Atendendo ao pedido da mãe de Aquiles, o rei dos deuses concede sucesso aos troianos, ao mandar o deus Sonho, disfarçado do guerreiro Nestor, enganar Agamêmnon para enviar o exército para mais um embate com os guerreiros de Troia. Porém, Zeus faz isso com o objetivo de que mais dos aqueus pereçam nas mãos dos troianos. Para isso, ele impele Heitor, que durante os dez anos da guerra se mostrou cauteloso, e estrategista, a atacar com ferocidade os gregos, e desse modo, rechaçar o exército grego de volta às naus.

Heitor, citado na *Ilíada* acompanhado de uma série de epítetos como: “Heitor do elmo faiscante”, “divino Heitor”, “glorioso Heitor”, “Heitor, domador de cavalos”, e “Heitor, pastor do povo”, era o maior dos heróis troianos, príncipe de Troia, assim como comandante de seus exércitos. Também conhecido como Priamida, por ser filho de Príamo e Hécuba – reis de Troia – e irmão de Páris, Heleno, Cassandra, Deífobo e Polidamante; descende da árvore genealógica real troiana, esta que remonta até um ancestral divino, o próprio Zeus. Era casado com Andrômaca, com quem é citado na *Ilíada* possuir só um filho, conhecido pelo povo troiano por Astíanax, e pelos pais como Escamândrio. O herói é uma das figuras centrais do poema homérico, pois representava na narrativa o lado troiano na guerra, e buscava, acima da glória, proteger seu povo do ataque dos inimigos. Seu nome, como atestado por Brandão (2014, p. 702), já garante ao guerreiro um significado que preconiza seu papel na narrativa. Observa-se que

Ἑκτωρ (Héktōr), *Heitor*, já aparece atestado no micênico *Ekoto* com um derivado *ekotorijo*, isto é, * *ἐκτόριος* (*hektórios), “que concerne a Heitor”. Ao que tudo indica, *Ἑκτωρ* (Héktōr), *Heitor*, é um derivado do verbo *ἐχέω* (ékhein), “ter, possuir” e do sufixo - *τωρ* (-tōr), a saber, o antropônimo significa “o que resiste e contém o inimigo”. Heitor é citado na *Ilíada* trezentas e cinquenta e cinco vezes, o que mostra a importância do herói troiano para Homero.

Desse modo, Heitor se torna uma das personagens mais importantes da *Ilíada*, pois simboliza a resistência de Troia ao ataque grego, ao passo que dele compete a liderança do exército, e o maior poder de decisão junto ao governo troiano, visto que como elucidada Grimal (2005, p. 196)

embora Príamo seja o rei de Tróia, é Heitor que detém o poder efectivo sobre seus compatriotas. Dirige a seu gosto os debates na Assembleia, conduz a guerra como bem entende. Profundamente amado pelo povo, recebe honras quase divinas e tanto amigos como inimigos reconhecem nele o principal defensor da cidade. É dele que Agamémnon procura desembaraçar-se em primeiro lugar, sabendo perfeitamente que nunca tomará a cidade enquanto Heitor lá permanecer.

Heitor, além de liderar os esforços de guerra e presidir as assembleias onde as decisões de governo são tomadas, era querido pelo povo, por sua família, e até pelos próprios deuses – tendo em vista que possuía Apolo como patrono na guerra e por realizar grandes sacrifícios aos deuses. Apesar de possuir grande poder, não demonstrava despotismo, mas demonstrava ser um “[...] herói viril, destemido, reto, equilibrado e terno, modelo de coragem, mas igualmente de esposo e pai” (Brandão, 2014, p. 702). E além disso, acumulou grandes vitórias no campo de batalha durante os dez anos de guerra. Por isso o grande Agamêmnon o considerava tão perigoso ao avanço dos argivos.

De acordo com Brandão (2014) e Grimal (2005), enquanto Aquiles combatia ao lado dos gregos, Heitor se manteve distante da batalha em campo aberto, e até se recusou a ter um confronto direto com o herói grego, fugindo e se abrigando nas muralhas da cidade. Porém, quando Aquiles se ausenta da batalha é que Heitor, protegido por Apolo e Ares, demonstra toda a sua habilidade guerreira e mata em combate diversos soldados gregos, dentre eles Mnestes, Anquíalo, Teutras, Orestes, Treco, Enômao, Heleno e Orébio, como se vê no canto V da *Ilíada*.

Heitor adentra a narrativa no canto II, após o aviso de Íris para que juntasse o exército, para combater o grandioso contingente grego que marchava para os portões da cidade, mas é a partir do canto V que tem início as façanhas guerreiras do príncipe troiano, após o acordo de combate singular entre Menelau e Páris ser quebrado pelo troiano, e o embate entre os dois exércitos continuar, como se vê no seguinte trecho da obra onde Heitor adentra o combate acompanhado dos deuses para combater dois soldados gregos:

Viu-os Heitor por entre as fileiras e investiu contra eles, / gritando. Com ele seguiram as falanges dos Troianos, / vigorosas. Conduziu-os Ares e a soberana Ênio, / ela que traz o Tumulto ignominioso da chacina; / e Ares segurava nas mãos uma lança monstruosa, / deslocando-se ora à frente, ora atrás de Heitor (Homero, 2013, p. 221).

É por meio desse embate que acontece a primeira vitória do herói troiano na narrativa, pois “foi então que Heitor matou dois homens conhecedores da peleja, / ambos montados num só carro, Menestes e Anquíalo” (Homero, 2013, p. 221-222). O canto prossegue com a narração de uma sequência de mortes, dentre elas as provocadas por Heitor, incluindo as já citadas acima, fazendo os argivos recuarem do combate.

Adiante, após tais acontecimentos, Heitor se retira do combate por conselho de seu irmão Heleno, que possuía poderes de vidência, e antes de retornar, se despede de sua esposa, protagonizando uma das cenas mais emocionantes da *Ilíada*, e prenunciando o acontecimento trágico que se abaterá sobre o personagem, pois nas falas de Andrômaca pode-se identificar uma prolepse do destino que enfrentará o herói troiano. Verifica-se tal passagem no canto VI, no encontro entre o casal e seu filho, quando Andrômaca diz a Heitor:

Homem maravilhoso, é a tua coragem que te matará! / Nem te compadece desta criança pequena nem de mim, / desafortunada, que depressa serei a tua viúva. / Pois rapidamente todos os Aqueus se lançarão contra ti / e te matarão. Mas para mim seria melhor descer para debaixo / da terra, se de ti ficar privada. Nunca para mim haverá / outra consolação, quando tu encontrares o teu destino, / mas só sofrimentos. Já não tenho pai nem excelsa mãe: / meu pai foi morto pelo divino Aquiles, / que arrasou a cidadela bem habitada dos Cilícios, / Tebas de altos portões (Homero, 2013, p. 247).

Nessa passagem, tem-se uma ideia clara do que o Destino reservou ao personagem Heitor – morrer pelas mãos de Aquiles – pois à luz de suas súplicas ao marido, Andrômaca revela que toda a sua família e sua cidade foi massacrada por Aquiles, e que a permanência de seu marido no combate o fará também sucumbir ao Pelida, ligando os destinos desafortunados de ambos ao instrumento de seus infortúnios, Aquiles, assim como fará posteriormente quando ficar sabendo da morte do marido. Esse é um dos motivos que torna o destino de Heitor tão trágico, pois ao contrário de Aquiles, ele não adentra a guerra por vontade própria e nem dela pode se retirar, pois é marido e pai e não teve outra opção senão proteger a família e os cidadãos, pois todos dele dependiam: se ele caísse, Troia também cairia. A Heitor a guerra não é cara, pois de acordo com Alexander (2014), sobre ele recai injustamente o fardo da luta, e por isso a odeia. Ele não está nela apenas para obter a glória

imorredoura, mas sim por um senso de honra e dever. Como pode-se perceber por sua resposta a Andrômaca:

Todas essas coisas, mulher, me preocupam; mas muito eu me / envergonharia dos Troianos e das Troianas de longos vestidos, / se tal como um covarde me mantivesse longe da guerra, / Nem meu coração tal consentiria, pois aprendi a ser sempre / corajoso e a combater entre os dianteiros dos Troianos, / esforçando-me pelo grande renome de meu pai e do meu. Pois isto eu bem sei no espírito e no coração: / virá o dia em que será destruída a sacra Ílion, / assim como Príamo e o povo de Príamo de lança de freixo (Homero, 2013, p. 248).

Desse modo, Heitor mesmo ciente da destruição inevitável de Troia – a qual conhece de alguma forma que não foi expressa no poema –, não pode deixar de lutar para proteger os seus, assim como, a honra de seu pai e sua, pois manter-se longe da guerra enquanto seus companheiros lutavam o envergonharia. Porém, ele ainda tenta consolar sua esposa com as seguintes palavras: “Mulher maravilhosa, não me entristeças demasiado o coração. / Nenhum homem além do destino me precipitará no Hades; / porém digo-te não existir homem algum que à morte tenha fugido, nem o covarde, nem o valente, uma vez que tenha nascido” (Homero, 2013, p. 250).

Vê-se que Heitor esclarece a sua esposa ao sugerir que ele só morrerá no campo de batalha se o Destino assim decidir, e que quando a hora da morte chegar, nenhum mortal dela conseguirá fugir, independentemente de sua coragem. Isso demonstra a crença absoluta que os personagens da *Ilíada* têm na força e inevitabilidade do Destino. Mesmo que o herói ainda não estivesse certo de sua morte iminente, tanto sua esposa quanto as amas do palácio já choravam sua morte, certas que ele já não retornaria mais à cidade com vida.

Essa despedida de Heitor e Andrômaca ficou célebre, porque nela se mostra toda a dedicação, carinho, afeto e amor da filha de Eécion pelo esposo querido que ela sabe não mais regressaria vivo a Ílion. Estampa também, de outro lado, a ternura e a preocupação do marido pela mulher e o filho, mas o amor, no momento, teria que esperar pelo cumprimento do dever do soldado (Brandão, 2014, p. 703).

O encontro entre os dois se torna marcante, pois ambos mesmo que em níveis diferentes sabiam que seria a última vez que se veriam, e em poucos versos, demonstram toda a profundidade do respeito e amor que tinham um pelo outro, e pelo

filho. Assim como retratam o peso e as consequências da guerra para quem estava lutando e também para aqueles que não estavam. Porém, por estar ligado à função de servir, de ser o guardião e defensor de sua sociedade, os heróis possuíam, de acordo com Pacheco (2009), um código do herói, que o leva a buscar a honra, a glória, e o prêmio especial. Estes objetivos o levam de volta ao campo de batalha – inclusive ao próprio Heitor.

Adiante, no canto VIII, Zeus finalmente age em função de cumprir sua promessa a Tétis. Por isso, dá-se o início do declínio de Heitor, e, conseqüentemente, o seu desfecho trágico. Zeus, ao reunir a assembleia dos olímpios, proíbe todos os deuses de interferirem no combate, pois dali em diante os exércitos se enfrentarão como iguais.

[...] Zeus se dirigira a uma assembleia de olímpios, e, com linguagem contundente e ameaçadora, proibira qualquer deus de interferir na guerra: dali em diante, os dois exércitos de mortais se enfrentarão de igual para igual. E, embora em desvantagem numérica, os troianos, [...] sairão na frente. Assim, finalmente, Zeus age com decisão para honrar sua promessa a Tétis, pois, lutem quanto quiserem, os aqueus não podem vencer sem Aquiles (Alexander, 2014, p. 101).

Dessa maneira, mesmo que Zeus demonstrasse simpatia à causa troiana, e ainda mais a Heitor, sua ajuda nesse momento provinha somente do cumprimento de sua promessa, de fazer com que os aqueus honrassem Aquiles, e o auxílio acabaria quando Aquiles retornasse à luta. Porém, sem saber de tal promessa, Heitor acredita verdadeiramente no apoio do deus, e com ânimo reforçado faz com que os aqueus tenham que bater em retirada até à segurança de seus muros, que construíram à frente das naus. Assim “de Aqueus se enchia o espaço, das naus à vala da muralha, / tantos de carros como de homens portadores de escudo, / encurralados; / encurralara-os o igual do célere Ares, / Heitor Priâmida, quando Zeus lhe outorgou a glória” (Homero, 2013, p. 277). Então insuflado pelo deus, Heitor avança com cada vez mais confiança, deixando de lado totalmente a cautela com que agiu nos anos anteriores da guerra. Veja:

Aos Troianos bradou Heitor, vociferando bem alto: / “Troianos e Lícios e Dárdanos, prestos combatentes! / Sede homens, amigos, e lembrai-vos da bravura animosa! / Reconheço que zeloso me concedeu o Crônida / vitória e grande glória, porém aos Dânaos, sofrimento. / Tolos, que congeminaram erguer estas muralhas, / fracas e inúteis!

Não serão elas a sustentar a minha força / e facilmente sobre a vala escavada saltarão os nossos cavalos. / Mas quando me encontrar perto das côncavas naus, / que a lembrança do fogo ardente não esteja ausente, / para que pelo fogo eu queime as naus e junto às naus / chacine os próprios Argivos assarapantados pelo fumo” (Homero, 2013, p. 275).

Ao passo que Zeus dá preferência de vitória aos troianos, pois precisa que eles vençam algumas batalhas, ele continua protegendo e favorecendo o comandante troiano, e assim declara que continuará, “pois não desistirá da guerra o temível Heitor / antes que junto às naus se erga o Pelida de pés velozes, / no dia em que às popas das naus combaterão / no mais terrível aperto em torno de Pátroclo morto, / tal como está destinado” (Homero, 2013, p. 285-286). Desse modo, conhecendo o futuro do herói, o deus o conduz cada vez mais rumo à concretização de seu destino, até sua trágica morte nas mãos do Pelida.

Adiante, os troianos vão acumulando nos próximos cantos cada vez mais sucessos até que, no canto XII, o exército de Heitor consegue finalmente atacar o acampamento dos gregos. Porém, essas sequências de vitórias só deixam Heitor ainda mais confiante de sua chance de vencer o contingente grego, mesmo que ele próprio tenha alegado anteriormente a inevitável queda de Troia, mas a honra que conquistou por meio do apoio de Zeus ao lado troiano o deixou cada vez mais orgulhoso e excessivamente confiante de que nada lhe aconteceria por estar nas graças do deus, ignorando até os avisos de seus companheiros, e é esse descomedimento que o levará a sua catástrofe. Assim:

Em pleno combate, honrado e glorificado por Zeus (Ζεύς ... τίμα και κύδαινε, Canto XV, v. 611-612), entre todos os heróis, Heitor leva a cabo o que foi decidido pelo deus pai: vencer os Argivos, encher-se de glória... para a maior glória de Aquiles. Igual a um leão funesto (λέων ὀλοόφρωγ, Canto XV, v. 630) lançando-se sobre bois, assim Heitor se lança sobre os Argivos, que fogem de pânico (ἑφόβηθεν, v. 637), ou como uma águia selvagem (αἰετος ἔθνος, v. 690-691) sobre outras aves, Heitor comanda os Troianos em batalha encarniçada que faz o sangue negro escorrer pela terra (ῥέε δ' αἵματι γαῖα μέλαινα, v. 715) (Marques Júnior, 2007, p. 14 -15).

Assim, o poema apresenta desde o canto VIII o engano desse herói, e demonstra como, tomado em sua cegueira provocada por Zeus, Heitor marcha até o ponto culminante de sua jornada, aquele que selará seu destino. Para isso ele precisa encher-se de glória para que quando o vencesse maior fosse a glória de Aquiles. Esse

destino mais uma vez é profetizado por Zeus, desta vez no canto XV, ao dizer que Heitor deve rechaçar os aqueus até o momento em que Aquiles concordar em mandar seu amigo mais querido Pátroclo para a luta, este “[...] a quem matará depois com a lança o glorioso Heitor / à frente de Ílion, depois de ele ter chacinado muitos / outros mancebos, entre eles meu filho, o divino Sarpédon. / Enfurecido por causa dele, o divino Aquiles matará Heitor” (Homero, 2013, p. 432). Desse modo, o destino de Heitor sempre esteve premeditado, e por mais de uma vez na narrativa, é explicitado pelos deuses, de uma forma que independente do que o herói fizesse nada o poderia mudar, pois os deuses parecem saber tudo sobre os mortais, e até mesmo “[...] não lhes falta conhecimento sequer para prever seus destinos individuais” (Alexander, 2014, p. 135); ao contrário dos homens que para Alexander (2014) nunca sabem onde os deuses estão, por aparecerem sempre disfarçados, e assim não sabem quais planos divinos podem afetar ou estão afetando suas vidas e ações. O premeditado realmente acontece, visto que como elucida Malta (2006), diante da virada de sorte dos gregos, e a recusa de Aquiles a voltar a guerra, Pátroclo então autorizado por seu companheiro, adentra a guerra mais uma vez, portanto as armas de Aquiles, para depois de ter matado diversos troianos, incluindo Sarpédon filho de Zeus, ser morto em duelo singular por Heitor, o que adiante causará a morte do próprio príncipe troiano.

A batalha entre os dois acontece no canto XVI, onde Pátroclo, insuflado por Zeus, ignora os conselhos do amigo Aquiles, e avança contra as muralhas troianas, até encontrar Heitor, e entrar, com este, em um duelo singular, que é o enfrentamento de dois heróis sozinhos, sem o auxílio ou intervenção de demais guerreiros. Na corrida até chegar em Heitor, primeiro Apolo despe Pátroclo de sua armadura, depois o herói é ferido por outro guerreiro troiano, até que, ao enfrentar Heitor, é morto por sua lança, como um leão a vencer pela força um javali (Homero, 2013). Para assim, em suas últimas palavras o herói grego dizer ao troiano com o objetivo de menosprezar a então vitória de Heitor:

Por agora, ó Heitor, ufana-te em excesso. A ti outorgou / a vitória Zeus
Crônida e Apolo, que me subjugaram / facilmente. Pois eles próprios
me despiram as armas dos ombros. / Mas se vinte homens como tu
me tivessem enfrentado, / todos aqui teriam morrido, subjugados pela
minha lança. / Mas matou-me o fado e o filho de Leto; entre os
homens, / Euforbo. Tu, contudo, foste o terceiro a matar-me. / Mas dir-
te-ei outra coisa; e tu guarda-a no teu espírito: / não será por muito

mais tempo que viverás, mas / já a morte de ti se aproxima e o fado irresistível, / pois morrerás pelas mãos do irrepreensível Eácida, Aquiles (Homero, 2013, p. 489).

Dessa maneira, o destino de Heitor é revelado mais uma vez, e agora chega até o conhecimento do próprio herói, que ignora a previsão até que ele mesmo se dê conta de seu fim iminente. A partir da morte de Pátroclo, se pode perceber a sequência lógica que Homero utiliza para interligar o destino de suas personagens, pois leva o guerreiro mais honrado a vencer o guerreiro menos honrado (Pacheco, 2009). Sendo assim, o destino de Sarpédon era morrer nas mãos de Pátroclo, para que esse obtivesse honra e glória, para então ser superado por um herói mais honrado que ele, Heitor, o maior dos guerreiros troianos, que deveria enfrentar o maior dos guerreiros gregos, Aquiles, e perecer em duelo com ele para maior honra do Pelida.

Nos cantos seguintes, após se armar com nova armadura e escudo, pois a dele que estava com o companheiro foram tomadas por Heitor, e lançado em uma ira irrefreável, Aquiles adentra ao combate, realizando uma verdadeira chacina entre os troianos, em busca de vingar Pátroclo e matar Heitor. Seguindo em uma desvairada matança, colocou os troianos em fuga, pois “[...] Aquiles é o caçador (ἄνθρωπος θηρατὴρ, Canto XXI, v. 574) que põe em fuga a caça, diante de seu ímpeto. Filhotes de gamos em fuga são os Troianos, no início do Canto XXII, com medo de Aquiles” (Marques Júnior, 2007, p. 15). Dessa maneira, inicia-se o principal conflito dessa narrativa épica, o embate entre Aquiles e Heitor, pois o único a ficar do lado de fora dos portões é Heitor, tomado pela *hybris*, efetivada após a morte de Pátroclo e por estar vestindo a armadura divina de Aquiles – processo pelo qual foi recriminado pelo rei dos deuses –, e confiante no apoio de Zeus e Apolo, se dispõe a enfrentar o Pelida diretamente, como disse anteriormente em assembleia que “se na verdade junto das naus se levantou o divino Aquiles, / pior será para ele, se assim quiser. Pela parte que me toca, / não fugirei da guerra funesta, mas frente a frente ficarei / em pé diante dele, quer seja ele a vencer, quer seja eu” (Homero, 2013, p. 530). Assim, essa confiança desmedida de Heitor o levará de ser o leão, ou seja, o caçador, para ser a caça, pois dada a verdadeira natureza dos guerreiros, “Aquiles é o lobo (λύκος), [e] Heitor é o cordeiro (ἀρνίον) (Marques Júnior, 2007, p. 16), pois é mais fraco se comparado ao semideus.

Ademais, com Aquiles correndo rumo ao encontro de Heitor em frente às muralhas da cidade, em um momento em que se expõe ainda mais a tragicidade do

príncipe troiano, Príamo tenta pela última vez salvar seu filho, rogando-lhe para não enfrentar o grego, mas sim adentrar a cidade como os outros para então salvar os cidadãos da fúria dos aqueus, e para não ficar “[...] isolado sem ninguém que te ajude, para que não te encontres / logo a morte, subjugado pelo Pelida, que é muito mais forte que tu / homem cruel e duro” (Homero, 2013, p. 599). Por meio dessa súplica, o pai de Heitor prevê o panorama do que se desenhará no futuro de Troia, a ruína do povo troiano, se a morte vier a tomar Heitor, que é então seu principal protetor. Mas, como aponta Gazolla (2001), apesar das argumentações terem como objetivo apontar as infelicidades previstas para o herói se ele se mantiver em *hybris*, e tentar fazer com que ele abandone tais ações desmedidas, o herói estará fadado às cadeias da necessidade, e por mais que tenha um certo poder de escolha sobre sua vida, ao escolher como vai agir, no fim de uma cadeia de acontecimentos sempre se vê à frente de seu destino cumprido. Então, desse modo, apesar das lágrimas de seus pais, nada faz com que se arrefeça a *hybris* de Heitor, pois “[...] a Heitor amarrou o fado funesto, para que ali ficasse à frente de Ílion e das Portas Esqueias” (Homero, 2013, p. 598), e desse Fado³ não poderia fugir, por mais que tenha tentado.

Outrossim, ao avistar finalmente Aquiles se aproximar, Heitor ainda tem um momento de lucidez e, em angústia, reconhece sua insensatez ao ignorar os conselhos de Polidamante de guiar o exército até à segurança das muralhas, alegando que cometeu um erro, pois “[...] agora destruí o exército por causa da minha insensatez e tenho vergonha dos Troianos e das Troianas de longas vestes, não vá algum homem mais vil e covarde dizer de mim: ‘Confiante na sua força, Heitor destruiu o exército’ (Homero, 2013, p. 602). Ainda conclui o herói troiano “[...] e para mim teria sido muito mais proveitoso defrontar Aquiles e regressar depois de o ter morto, ou então ser gloriosamente morto por ele à frente da cidade” (Homero, 2013, p. 602). Reconhece enfim Heitor que não pode fugir desse embate, e que por causa de sua confiança, de seu excesso, acaba por condenar não só a si mesmo, como a todos os troianos, admitindo que a única maneira de se privar da vergonha é enfrentar o Pelida, pois matando-o ou morrendo será um ato glorioso: isto conservará sua honra.

Entretanto, apesar de em um último momento após sua descoberta, o medo, até então ausente da personalidade do troiano, ter se apoderado dele, que partiu em

³ Entenda-se Fado como sendo relativo a Destino, Moira e Aisa, pois esses termos se referem à mesma persona, a depender da tradução.

fuga ao redor da cidade por três vezes com Aquiles em perseguição, não conseguiu fugir por muito tempo, pois do alto do Olimpo os deuses os observavam. Assim,

[...] quando pela quarta vez chegaram às nascentes, / foi então que o Pai levantou a balança de ouro, / e nela colocou os dois destinos da morte irreversível: / o de Aquiles e o de Heitor domador de cavalos. / Pegou na balança pelo meio: desceu o dia fadado de Heitor / e partiu para o Hades. E Febo Apolo abandonou-o (Homero, 2013, p. 605-606).

O dia final chegou, portanto, para Heitor. Zeus pesou o destino dos dois heróis, e a Moira decidiu que ele desceria ao Hades. A partir desse fato pode-se observar que “Zeus se transforma em executor das decisões da Moira, parecendo confundir-se com a mesma” (Brandão, 1986, p. 142), por às vezes dar a impressão de que poderia interferir nas decisões dela. Porém, apesar disso sempre acaba se submetendo ao que foi fiado pela deusa para os heróis. Nessa perspectiva estando até os deuses submetidos ao poder do Destino, não o podem mais auxiliar, por isso até mesmo Apolo, o deus que tanto o apoiou e prestou auxílio, o abandona no momento em que o herói mais precisa, pois a Moira assim delimitou e ele a obedece sem hesitar, conforme Brandão (1986) apontou anteriormente. É desse modo que o Destino é abordado em Homero, como sendo inflexível, no qual “[...] a vida [é] entendida como um fio de tear que se desenrola tecendo a trama da vida até certo momento em que o fio é cortado” (Leão, 2016, p. 18). Então, dessa maneira, Heitor se vê diante de seu fim, quando, enviada por Zeus, Palas Atenas engana o herói ao tomar a forma de Deífobo e encoraja-o a lutar contra o Pelida.

Confiante no auxílio de seu “irmão”, Heitor se convence a combater o inimigo frente a frente, e então propõe a Aquiles um acordo: que o vencedor não ultraje o cadáver do vencido, e que este seja devolvido para os devidos funerais (Homero, 2013); mas o acordo é terminantemente negado pelo Pelida, que auxiliado por Atena, foi o primeiro a arremessar a lança, iniciando o combate. Nesse momento, em frente ao Pelida Heitor não se mostrava mais como cordeiro, mas sim como “Heitor pastor do povo”, grande guerreiro. Porém, ao perceber que Deífobo não estava ao seu lado, reconheceu tarde demais o engano sofrido, enviado pelos deuses, durante toda a narrativa e disse:

ah, na verdade os deuses chamaram-me para a morte. / Pois eu pensava que o herói Deífobo estava ao meu lado. / Mas ele está dentro da muralha e foi Atena que me enganou. / Agora está perto de mim a morte malévola; já não está longe, / nem há fuga possível. Era isto de há muito agradável / a Zeus e ao filho de Zeus que acerta ao longe, que antes / me socorriam de bom grado. Agora foi o destino que me apanhou. / Que eu não morra é de forma passiva e inglória, mas por ter feito / algo de grandioso, para que os vindouros de mim ouçam falar! (Homero, 2013, p. 609).

A essa maneira, ciente do fim, Heitor decide-se pela bela morte, que o fará ser lembrado pela eternidade, não por ter vencido a batalha, mas por ter enfrentado dignamente um herói tão grandioso e morrido nas mãos dele, pois como um herói, ele reconhece que não pode morrer sem glória. Conforme Marques Júnior (2007), ao realizar algo grandioso as próximas gerações com ele aprenderão, e assim será eternizado na memória por meio dos poetas e dos memoriais fúnebres. Assim, o seu fio é finalmente cortado quando Aquiles lhe confere o golpe fatal: “[...] com a lança arremeteu furioso o divino Aquiles, / e a ponta trespassou completamente o pescoço macio” (Homero, 2013, p. 610). Em última súplica, Heitor pede que seu corpo seja devolvido a sua casa, para que por meio dos funerais sua alma pudesse descender ao Hades em glória. Mas, tomado pela fúria, Aquiles recusa tal pedido e, em seu último suspiro, Heitor prenuncia a futura morte do Pelida, pelas mãos de Páris e Apolo (mas que não será narrada na *Ilíada*), o que encerrará o encadeamento entre os destinos das quatro personagens: Sarpédon, Pátroclo, Heitor e Aquiles.

Ademais, para agravar mais ainda a tragédia de Heitor, Aquiles vai cometer um dos atos mais repudiados pelos guerreiros, a profanação do cadáver do herói, tentando apagar sua memória. O tema do ultrage aos corpos é recorrente na *Ilíada*. Os companheiros dos heróis mortos sempre tentam recuperar seu corpo e prestar as honras fúnebres, enquanto o atacante inimigo quase sempre ameaça dar o cadáver do adversário para destruição pelos animais e elementos da natureza. Porém, como observa Malta (2006), na narrativa agredir o corpo de um herói só se caracteriza como um grande motivo de indignação e censura, quando, de fato, é realizado voluntariamente o ultrage do corpo, como Aquiles fez com Heitor. Pois como assinala Marques Júnior (2007), é a bela morte de Heitor no campo de batalha, em sua juventude, que lhe garantirá a glória imperecível, e são as honras fúnebres que permitiram ao herói se destacar perante os demais mortais, quando sua alma chegar

ao Hades, por meio de seus feitos grandiosos e para impedir que Heitor recebesse as honras Aquiles profana seu corpo:

Perfurou atrás os tendões de ambos os pés / do calcanhar ao tornozelo e atou-lhes correias de couro, / atando-os depois ao carro. A cabeça deixou que arrastasse. / Depois que subiu para o carro e lá colocou as armas gloriosas, / chicoteou os cavalos, que não se recusaram a correr em frente. / De Heitor ao ser arrastado se elevou a poeira, e dos dois lados / os escuros cabelos se espalhavam; toda na poeira estava / a cabeça que antes fora tão bela. Mas Zeus a seus inimigos / o dera, para a vergonhosa profanação na sua própria terra pátria. / Deste modo toda a cabeça de Heitor estava suja de pó. Mas a mãe / arrancava os cabelos. Longe de si atirou o véu resplandecente, / fazendo soar grandes gritos ululantes ao ver o seu filho. / Gemeu agoniado o pai amado e o povo à volta / estava preso pela lamentação e pelo choro em toda a cidade. / A parença era sobretudo com isto: como se toda a cidade, / toda a íngreme Ílion, ardesse com fogo de cima a baixo (Homero, 2013, p. 612-613).

Assim, o corpo de Heitor foi arrastado em meio à planície de sua cidade, esta em que morreu tentando defender do ataque de seus inimigos. Demonstrando o quanto era adorado por sua família e pelo povo troiano, enquanto Heitor era arrastado, todos estavam devastados pelo luto, de modo que parecia que toda Ílion estava sendo consumida pelo fogo, pois seu maior defensor jazia morto e seu cadáver era profanado, em um ato extremamente vergonhoso, em uma imagem que remete à ligação que Heitor possuía com Troia, onde a partir de sua morte se acabam as esperanças da cidade resistir. Ademais, não saciado de sua vingança, Aquiles decide por arrastar o cadáver de Heitor três vezes ao redor do túmulo de Pátroclo, até o momento em que, comovidos, os deuses decidem intervir, e Zeus manda que Aquiles restitua o corpo do herói a seu pai Príamo que, em suplica “[...] agarrou os joelhos de Aquiles e beijou / as terríveis mãos assassinas” (Homero, 2013, p. 668), para só assim ser devolvido o corpo do maior entre os Troianos. Os últimos versos da epopeia narraram os funerais de Heitor e prestam reverência ao herói:

quando surgiu a que cedo desponta, a Aurora de róseos dedos, / foi então que o povo se reuniu em torno da pira do famoso Heitor. / Quando estavam já reunidos, todos em conjunto, / primeiro apagaram a pira fúnebre com vinho frisante, / tanto quanto sobre ela sobreviera a força do fogo; mas depois / os irmãos e os companheiros recolheram os brancos ossos, / carpindo, e abundantes lhes escorreram nas faces as lágrimas. / Colocaram os ossos numa arca dourada, / pondo por cima finas mantas de púrpura. / Depuseram-na depressa numa sepultura e por cima / amontoaram grandes pedras, bem cerradas. /

Depressa ergueram o túmulo, com sentinelas por toda a parte, / não fossem antes do tempo atacar os Aqueus de belas cnêmides. / Após terem erguido o túmulo, voltaram; e em seguida, / reunidos festejaram segundo o rito com um banquete / no palácio de Príamo, rei criado por Zeus. / **E assim foi o funeral de Heitor, domador de cavalos.** (Homero, 2013, p. 679-680, grifo nosso).

Portanto, verifica-se que o encadeamento de acontecimentos que move o personagem Heitor o leva a cumprir aquilo que já há muito estava predestinado para ele: defender a cidade troiana, até que chegasse a hora de enfrentar o guerreiro grego Aquiles, seu equivalente e, em duelo singular, ser morto por um guerreiro mais forte que ele e, deste modo, por meio de toda a honra adquirida por seus feitos grandiosos, conquistar a glória imperecível por meio de seus funerais. Por se concluir a narrativa com o funeral de Heitor, percebe-se que ele pode ser, como explica tão bem Frederico Lourenço (Homero, 2013)⁴, um dos tradutores da obra, a figura principal da *Ilíada*, pois apesar de narrar toda a ira de Aquiles, é a tragédia de Heitor que causa maior impacto, por ele não ter opção de escolha no que tange ou não participar da guerra, e nem dela poder se retirar. Assim, o papel de Heitor se torna trágico porque a ele foi fiado o fado do Destino de defender seus pais, sua família e sua cidade, até o momento em que não pode mais. Quando ele morre, Troia morre junto, pois dele acima de todos os outros guerreiros dependia –, assim como por causa da forma como foi enganado pelos deuses, e como seu corpo foi tragicamente profanado e destruído em frente a sua própria terra. Mas apesar disso, a partir das honras finalmente prestadas, e de seu túmulo erguido, Heitor se eterniza na memória de todos, “[...] e a *Ilíada* torna-se o poema da celebração do Priamida, muito mais do que a celebração do Pelida Aquiles. Ambos terão direito à glória imperecível, mas na *Ilíada*, só a Heitor domador de cavalos antecipa-se esta honra” (Marques Júnior, 2007, p. 17). Como se viu, só Heitor a conquista na narrativa através da bela morte, demonstrando, desse modo, como a guerra ressalta a trágica mortalidade de seus heróis.

⁴ LOURENÇO, Frederico (Trad.). Prefácio. In: HOMERO. *Ilíada*. Trad. Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

CONCLUSÃO

Na trama da *Ilíada*, o destino de Heitor é tão importante ou até mais do que a própria sorte do protagonista da obra, Aquiles, pois representado como o defensor daqueles que não podiam se defender, o personagem é construído para retratar o lado condenado da guerra, aquele fadado a perder desde o início. Através desse personagem visualiza-se a fatalidade de todo um povo: ele é morto e profanado em frente à sua própria casa. Ali se expõe a tragicidade de ser obrigado a lutar uma guerra que não lhe é cara, mas por causa de um senso de dever e honra. Ao tempo em que, pela ação, se consuma seu destino de herói trágico, ele alcança a condição de herói glorioso, pois foi um dos únicos a realmente conquistar na obra a maior honra entre os guerreiros: a glória imperecível. Heitor é um dos personagens mais complexos da *Ilíada*, pois ao mesmo tempo que representa a derrota do povo troiano, é exaltada, na trama, sua grande vitória pessoal, tornando-se um símbolo de resistência e glória para as gerações futuras.

Além disso, esta pesquisa pretendeu entender como foi construído, na trama da obra, o encadeamento de acontecimentos, personagens e motivações que moldaram o destino de Heitor, para proporcionar uma compreensão mais profunda acerca do percurso que tornou a morte do personagem inevitável e impassível de intervenção por homens e deuses, a partir do desenvolvimento e esclarecimento de ideias.

Então, para atingir uma compreensão de como se construiu, textualmente, o destino do personagem, explorou-se a concepção de Destino para os gregos antigos, que o compreendiam como uma força divina, natural e inviolável, que submetia mortais e deuses a seus desígnios. Como tópico daquela tradição, a Moira era vista como a manifestação da lei inexorável da ordem natural e divina no mundo, e representava o controle absoluto sobre a vida e a morte, sendo tal conhecimento refletido claramente na literatura grega, inclusive na própria *Ilíada*.

Em seguida, ao discutir acerca do herói épico, constatou-se que pertenceu ele a uma raça criada por Zeus para ser mais valente e justa, assim como superior aos outros mortais, pois era destinado a passar por jornadas que abarcavam grandes desafios. Os heróis se distinguiam por realizarem feitos grandiosos, que os faziam adquirir honra entre seus pares. Esta os levava, após perecerem no campo de batalha, a alcançarem a tão almejada glória imperecível, que os eternizaria na memória.

Sendo assim, a análise permitiu concluir que Heitor, como o maior guerreiro entre os troianos, estava fadado pela Moira a cumprir seu destino trágico muito antes predestinado: morrer pelas mãos de Aquiles, após ter alcançado grande honra ao matar Pátroclo. Desse modo, após ser enganado pelos deuses, o troiano seguiu as cadeias do Destino diretamente para sua concretização, ao passo que foi vencido e seu corpo ultrajado pelo maior inimigo de seu povo, de modo que nem os próprios deuses puderam impedir. Concluída sua trajetória épica e trágica, e apesar da morte, o herói é exaltado no desfecho da narrativa, como um herói glorioso e altamente reverenciado por amigos e inimigos.

Com isso, a hipótese de que os erros cometidos por Heitor, que o levaram ao descomedimento, e conseqüentemente ao acontecimento que selou seu destino, tenham sido provocados pelo engano por ele sofrido, ao confiar nos deuses, se confirmou: ao longo da análise, percebeu-se que Heitor foi, sim, enganado por Zeus durante todo o período em que Aquiles esteve ausente do combate, levando-o a adquirir cada vez mais confiança em uma falsa ilusão de vitória, que o levou a matar e desarmar Pátroclo, o que resultou na morte do próprio príncipe troiano.

Dessa forma, a ação que levou Heitor a cometer a *hybris* foi alimentada por sua soberba, insuflada pelos deuses, ao matar e despojar as armas do amigo de seu pior inimigo, o que provocou sua morte tão violenta. Desse modo, ao escolher a bela morte para atingir a grande glória, Heitor também acaba por condenar Troia à derrota.

Portanto, enfatiza-se que este estudo é mais uma contribuição para discussões de maior vulto acerca do personagem Heitor e sua construção na trama da *Ilíada*, retomando-se, assim, os debates acerca do herói épico, do trágico, e do Destino. Logo, a partir desses fundamentos novas perspectivas podem e devem surgir para aprofundar, por exemplo, a concepção do trágico presente nos heróis homéricos, principalmente em Heitor, que se revelou um personagem tão rico e complexo.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Caroline. **A guerra que matou Aquiles: a verdadeira história da *Ilíada***. Trad. Marcio de Paula S. Hack. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poética, 1993.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. v. I. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1986.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. v. III. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1987.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário mítico-etimológico**. São Paulo: Editora vozes, 2014.

BULFINCH, Thomas. **O Livro de Ouro da Mitologia: Histórias de Deuses e Heróis**. Trad. David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

GAZOLLA, Rachel. **Para não ler ingenuamente uma tragédia grega: ensaio sobre aspectos do trágico**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. São Paulo: Editora Alínea, 2001.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário da Mitologia Grega e Romana**. Trad. Victor Jabouille. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

HESÍODO. **Teogonia: a origem dos deuses**. Trad: Jaa Torrano. 3. ed. São Paulo: Biblioteca Pólen, 1995.

HESÍODO. **Os Trabalhos e os Dias**. Trad. Mary de Camargo Neves Lafer. 3. ed. São Paulo: Editora Iluminuras, 1996.

HOMERO. **Ilíada**. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

HOMERO. **Ilíada**. Trad. Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

HORTA, Maurício; BOTELHO, José Francisco; NOGUEIRA, Salvador. **Mitologia: deuses, heróis, lendas**. São Paulo: Editora Abril, 2012.

MALTA, André. **A selvagem perdição: erro e ruína na *Ilíada***. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.

MARQUES JÚNIOR, Milton. Honra, Glória, Destino e Piedade: introdução à épica clássica. **Graphos**, João Pessoa, v. 9, n. 2, p. 9-32, 2007. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/graphos/article/view/4652>. Acesso em: 14 out. 2024.

MARQUES JÚNIOR, Milton. O trágico no Canto XXII da *Ilíada*. **Romanistas** – Revista de Estudos Grecolatinas, Paraíba, n. 2, p. 76-97, dez., 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/romanitas/article/view/7441/5227>. Acesso em: 19 out. 2024.

KERÉNYI, Karl. **A mitologia dos gregos**: v. II: a história dos heróis. Trad. Octavio Mendes cajado. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015.

KURY, Mário da Gama. **Dicionário de Mitologia Grega e Romana**. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

LEÃO, Eryc de Oliveira. Lei natural, causalidade e destino – alguns apontamentos sobre a relação entre as moiras e os deuses em Ésquilo. **Revista Estética Semiótica**, v. 6, n. 2, p. 17-32, dez., 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/esteticaesemiotica/article/view/12070>. Acesso em: 12 out. 2024.

LESKY, Albin. **A tragédia Grega**. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996.

LOPES, João José. A *Ilíada* e a *Odisséia*: dois pilares da civilização grega e legado para a posteridade. **Revista Memento**, Minas Gerais, v. 4, n.1, p. 108-127, jan.-jun., 2013. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/memento/article/view/732>. Acesso em: 14 out. 2024.

LUKÁCS, György. O romance como epopeia burguesa. In: LUKÁCS, György. **Arte e Sociedade**: Escritos Estéticos, 1932-1967. Trad. Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. p. 193-243. Disponível em: <https://z-lib.io/book/14285512>. Acesso em: 27 nov. 2024.

PACHECO, Antônio Pádua. **A honra, a glória e a morte na Ilíada e na Odisséia**. 2009. 173f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-19022010-160742/pt-br.php>. Acesso em: 14 out. 2024.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. Trad. J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

SÓFOCLES. **A trilogia tebana**: Édipo rei, Édipo em Colono, Antígona. Trad. Mário da Gama Kury. 9. ed., 15. reimp. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

SZONDI, Peter. **Ensaio sobre o trágico**. Trad. Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.